

## As memórias da Folha de S. Paulo durante o regime militar no Brasil: o processo de construção de uma identidade a partir de suas lembranças e esquecimentos

André Bonsanto Dias

Universidade Federal do Paraná - UFPR, Brazil

E-mail: andrebonsanto@hotmail.com

### Resumo

Quais as memórias que o jornal *Folha de S. Paulo* construiu e propagou durante o regime militar no Brasil? Como elas foram rememoradas ao longo dos anos, caminhando paralelamente como uma tentativa de legitimação de sua história frente àqueles idos? O presente artigo procura problematizar essas questões para melhor compreender como o jornal se utilizou de alguns discursos memorativos – seja em suas edições especiais de aniversário, seja em produções e análises

específicas sobre o tema – para legitimar a construção de uma narrativa própria frente ao período, que procurava lhe garantir respaldo em um presente particular. A partir de suas lembranças e esquecimentos, de uma utilização seletiva da memória, a empresa consolidou, de forma ambígua e conturbada, a constituição de sua própria identidade, evidenciando que os usos que fazemos do passado são muitas vezes ações veladas, passíveis a confrontamentos e negociações.

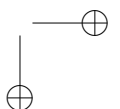
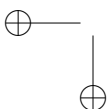
Palavras-chave: *Folha de S. Paulo*, ditadura militar, memória, identidade

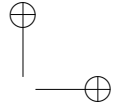
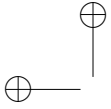
### **The *Folha de S. Paulo's* memories during the military regime in Brazil: the process of construction of an identity on the basis of its remembrances and forgetfulnesses**

#### Abstract

Which memories the newspaper *Folha de S. Paulo* constructed and propagated during the military regime in Brazil? How these memories were remembered th-

rough the years, moving in parallel as an attempt to legitimate its history towards those years? This paper aims to problematize these questions for better com-





prehend how the newspaper made use of some memorial discourses – in its special anniversary editions, in productions and specific analysis about the topic – to legitimate the construction of an own narrative towards the period, which sought to ensure support for itself in a particu-

lar present. Based on its remembrances and forgetfulnesses, on a selective use of the memory, the company consolidated its own identity, evidencing that our uses of the past are often veiled actions, susceptible to confrontments and negotiations.

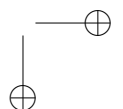
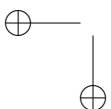
Keywords: *Folha de S. Paulo*, military dictatorship, memory, identity

A questão da memória vem ganhando cada vez mais espaço no campo epistemológico da comunicação. Como processo fundamental para compreender construção de identidades e discursos portadores de uma opinião intrínseca à temporalidade, a mídia hoje é encarada como um importe “lugar de memória”, onde lembranças se cristalizam e se refugiam. Ao construir e narrar acontecimentos, acaba por pautar, como uma espécie de “agendamento da lembrança” aquilo que pretende fazer ser visto, esquecido e/ou lembrado <sup>1</sup>.

Central para este estudo, a questão da memória deverá ser aqui entendida em seu contexto social, coletivo, nos moldes daquilo que Maurice Halbwachs (2004) problematizou. Para o autor, memória só se constitui como uma entidade coletiva a partir do momento em que nos ancoramos na lembrança dos outros. Halbwachs acredita que cada memória individual é um ponto de vista sobre memórias coletivas que se estabelecem a partir de “quadros” memoráveis. O ato de “lembrar”, neste sentido, seria uma ação que se configura no presente sob uma perspectiva do grupo. Reconstrução, reinterpretação e não um simples “resgate” do passado. Não há memórias completamente isoladas e fechadas, pois estas são sempre “apoiadas” pela constituição de um presente dinâmico e em constante reformulação

Memória é, portanto, identidade e, mais do que manter coesão ou garantir unidade entre coletividades, ela revela tensões, relações de poder que se dão pela lembrança, esquecimento e/ou apagamento dos rastros. Vista a partir do presente, é importante pensar também que essas relações de memória estão em constante negociação. Ou seja, “reconstruímos lembranças” sob linhas

1. Os estudos no Brasil, ainda que relativamente recentes, vem ganhando cada vez atenção. Para mais, consultar, em especial, BRAGANÇA e MOREIRA (2005); BARBOSA (2007); RIBEIRO e FERREIRA (2007).



já demarcadas por nossa memória ou pela memória dos outros, mas que se configuram por transformação. Para Michael Pollak (1992), memórias são “enquadradas” a partir de perspectivas particulares de grupos, que sempre nos evidenciam conflitos. A construção da identidade pela memória se dá em sua relação com o outro, por confrontos e negociações.

Confrontos que se dão pelos “usos” que fazemos da memória, usos políticos que devem ser encarados com comprometimento. O filósofo Paul Ricoeur (2007) possui uma grande preocupação com as práticas de memória na sociedade contemporânea e procura estabelecer uma ideia de “política da justa memória”. A memória, a partir do momento em que é encarada sob esta perspectiva, é tida como uma lembrança “exercitada” e que realiza sempre um “uso” sobre o passado. Consequentemente, o uso da memória garante a possibilidade de se realizar “abusos” sobre o passado e é justamente sobre o “abuso” de memória que a política de Ricoeur procura evitar e combater<sup>2</sup>. A proposta de Ricoeur, ao trabalhar com uma política da “justa” memória deve, portanto, ser encarada a partir de uma problemática do poder. Lembrar, esquecer, não são atos involuntários, estão condicionados a usos, a “abusos” de um presente que podem sufocar, apagar, ou até reforçar um passado a partir de interesses particulares. Assim, não se deve problematizar a lembrança como algo necessariamente “bom”, em detrimento do esquecimento, algo “ruim” e que precisa ser evitado. Lembrança e esquecimento caminham juntos e é este caráter intrínseco da memória que constitui a identidade de uma sociedade.

Amparado por essas preocupações teóricas, percorremos, em um trabalho anterior, (\_\_\_\_, 2010b) algumas memórias sobre o jornal *Folha de S. Paulo* durante o regime militar no Brasil pra buscar compreender como alguns agentes que atuaram durante o período lembravam aqueles idos. Procurou-se estabelecer alguns fatos sobre aquele passado, essenciais para problematizar uma questão central que procuramos aqui considerar: quais foram as memórias que o jornal *Folha de S. Paulo* construiu e propagou durante o regime militar no Brasil? Analisar tais lembranças suscita um percurso pelos rastros do passado e pela própria história do referido periódico. Suscita percorrer um trajeto para compreender qual o processo de legitimação dessas lembranças que acabaram

2. Ricoeur trabalha com uma tipologia dos abusos da memória que podem ser caracterizadas em três categorias: memória impedida (em seu nível patológico/terapêutico), memória manipulada (nível prático) ou memória obrigada (nível ético/político).

por cristalizar uma identidade própria do periódico durante o regime e que perpetuou nos anos vindouros.

O presente trabalho é, portanto, o segundo passo de uma reflexão que terá como objetivo final compreender o caso “ditabranda”, que gerou uma série de discussões após a *Folha de S. Paulo* publicar em editorial o termo que qualificou o regime militar vigente no Brasil entre 1964 e 1985 como “brando”, se comparado a outros na América Latina<sup>3</sup>. Percorrido o percurso ciente de como o jornal ‘agiu’ durante o período é que poderá ser feita uma análise das reverberações no presente. Este trabalho é, portanto, uma análise histórica que procura situar um objeto para seu estudo no presente. Entende a comunicação como um processo que se dá pela negociação das lembranças e esquecimentos de um ator social em constante reformulação. A *Folha*, consciente ou não, utilizou-se da memória para construir uma história própria sobre sua atuação no período. A partir de suas lembranças e esquecimentos construiu uma história e cristalizou sua identidade. Procura-se aqui percorrer alguns desses rastros sobre o passado afim de melhor compreender como sua memória se legitimou.

### **A *Folha* e sua tentativa de construção de uma história**

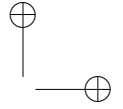
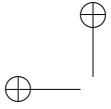
A *Folha* é um jornal que gosta de contar história. Em um trabalho que se estende desde o processo de redemocratização, a empresa vem buscando uma política de consolidação de sua história que perpassa um emaranhado de produções, seja através de edições comemorativas de aniversário ou a partir de depoimentos e livros publicados por sua editora *Publifolha* e por diversos pesquisadores ao longo dos anos. Há nessas produções uma tentativa clara de legitimar determinadas lembranças de um passado recente que busquem

3. O caso da “ditabranda” está sendo estudado pelo autor, mais profundamente, em sua dissertação de mestrado, a ser defendida em 2012 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR, sob o título, ainda provisório, de *Mídia e memória: o caso “ditabranda” e as memórias do regime militar no Brasil sob a ótica da Folha de S. Paulo*. O estudo, ainda em fase de elaboração, parte do pressuposto de que o caso deve ser visto como uma questão de memória, onde os meios de comunicação foram locais importantes para a “reatualização” de algumas memórias em conflito sobre o período militar no Brasil. Atuando como um “lugar de memória”, a mídia foi crucial para colocar novamente em pauta algumas questões referentes à imprensa e o regime militar em nosso país. Para mais, consultar \_\_\_\_ (2010a).

afirmar sua atuação enquanto um jornal crítico, plural e apartidário. Se a princípio a *Folha* era vista como um jornal “fragmentado”, disperso e sem uma identidade própria, a nova direção que se consolida com a entrada de Otávio Frias Filho à redação em meados da década de 1980 procura “esquecer” esta imagem e firmar de vez uma identidade marcante à empresa<sup>4</sup>. Devemos primeiramente pontuar: os meios de comunicação possuem uma forma particular de escrever história e de se “utilizar” do passado para legitimar suas narrativas cotidianas. Uso que requer uma forma de “controle” sobre um tempo que pretende ser encarado de forma particular. É uma memória que possui “opinião” e busca consolidar uma identidade. Ao inscrever acontecimentos na cena pública e rememorá-los como espécie de “marcos emblemáticos”, a mídia procura se firmar como um campo cada vez mais forte de produção de conhecimento histórico, diferente daquele que estão acostumados os historiadores profissionais, mas que ganha cada vez mais credibilidade e reconhecimento. A “operação midiográfica”, conceito elaborado por Sônia Maria de Meneses Silva (2011) em tese de história recém-defendida, procura pensar uma nova forma de escrita da história veiculada pelos meios de comunicação. Conceito crucial e que nos faz enxergar os textos produzidos pela mídia sob outro viés:

Em nossos dias, a mídia atua na elaboração, tanto de acontecimentos emblemáticos, como de conhecimento histórico a partir de narrativas que operam com categorias temporais na fundação de sentidos. Destaco, especialmente, a relação entre as três dimensões fundamentais: a mídia, a memória e a história. Tais elementos são articulados em uma complexa operação

4. A análise de Taschner (1992) afirma que as *Folhas*, em seu período inicial de expansão foram “[...] um empreendimento pleno de ambigüidades [...], elas nunca tiveram um projeto editorial claro. [...] O jornal ora espelhava as opiniões dos donos, ora se curvava ante a preocupação de “atender ao mercado”.” (TASCHNER, 1992, p. 46-47) Não há uma preocupação clara do periódico em formar uma identidade sólida antes da década de 1980. Em uma consulta ao acervo do jornal, percebeu-se que a primeira aparição “comemorativa” que celebra seu aniversário se dá em 1971, quando a *Folha* completa meio século de existência. No entanto, neste momento a preocupação maior do jornal é exaltar seu progresso tecnológico e as virtudes de uma empresa que até então vinha crescendo com o Brasil. Diferente das comemorações posteriores há nesta edição apenas um editorial, na página quatro do primeiro caderno, que celebra a data: “Neste meio século de progresso, a Folha é a indelével prova de que vale a pena confiar no Brasil. E o compromisso que reafirma, nesta hora, é não se afastar da linha que sempre se impôs - de só servir ao interesse do público.” (Folha de S. Paulo, meio século. nº 15.223, p. 4, 19 de fev de 1971)

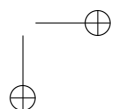
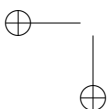


cujo produto final é uma escrita da história elaborada pelos meios de comunicação; a esse processo denomino de operação midiográfica. (SILVA, 2011, p. 23-24)

Essa escrita da história particular se daria a partir de uma inscrição do acontecimento na cena pública e na sua constante re-significação na duração, ao realizar constantemente “usos” sobre um determinado passado. Desta forma, os meios de comunicação atuariam simultaneamente como “tecedores de presentes” e importantes “urdidores de passados” da coletividade. Resultado de um processo polissêmico, a “operação midiográfica” se caracteriza pela produção de um conteúdo simbólico que percorre e perpassa diversas temporalidades. Marcado pela instância efêmera do presente, se articula a um fluxo de significação entre passado e futuro que procura garantir inteligibilidade. Há um novo regime de historicidade instaurado por essa produção que, acredita a autora, nos faz repensar a própria questão de como compreendemos o tempo, os marcos históricos e a percepção daquilo que nos é lembrado no cotidiano. Ao procurar “direcionar” uma reflexão sobre o presente, esta escrita peculiar lança simultaneamente um “olhar futuro” para o passado. Há aqui intrínsecas relações com a identidade, com uma “ideia” própria de história que seus escritores pretendem lançar para a posteridade. Problematizada desta forma, a escrita de uma história construída pela *Folha* pode ser encarada sob outra perspectiva. Suas lembranças não são involuntárias, os fluxos de significação problematizados pelo periódico, além de procurar evidenciar uma “verdade” sobre o passado, pretendem encarar o presente sob um viés particular, carregado de opinião.

### **Da memória que se torna história: a cristalização de uma identidade**

As edições comemorativas da *Folha* deixam claras estas questões. Desde meados da década de 1980, quando o jornal completa sessenta anos de existência e quando o periódico começa a busca pela consolidação de uma postura pró-redemocratização -, são lançados materiais que celebram e reforçam sua identidade, sempre realizando um enquadramento sobre o passado com um “olhar



futuro”<sup>5</sup>. Recentemente, ao completar 90 anos, em 19 de fevereiro de 2011, a *Folha* lançou em material impresso e na internet inúmeros suplementos: documentários, cadernos especiais e um projeto de digitalização de seu acervo<sup>6</sup>. Incluindo dois cadernos especiais: *Meu caso com a Folha e toda a Folha*, com um total de 72 páginas – o equivalente a quase uma edição “normal” diária -,

5. Há a preocupação por parte do jornal em realizar aquilo que Silva (2011) denomina de um processo de “instrumentalização da memória”, pautado em estratégias de esquecimento articuladas para eclipsar sua relação direta com os acontecimentos do golpe de 64. Isto se dá no processo de redemocratização, com a campanha das Diretas e se reforça com a proclamação de uma nova identidade que se firmava com a ideia de um jornal plural e apartidário a partir dos anos 1990: “Nesse aspecto, o elemento mais importante a ser superado pelo jornal, com a abertura política em princípio de 80, era a fragilidade de uma identidade atrelada aos militares, ressaltando assim a necessidade de refazer publicamente seus percursos em relação ao golpe. A grande questão sobre “quem somos nós” exigia a passagem da resposta “fomos apoiadores do regime” para “somos os porta-vozes da democracia”. Tal empreendimento contou, direta ou indiretamente, com a participação de teóricos e intelectuais que, após os anos 80, ajudaram a história do jornal praticamente eclipsando os primeiros 15 anos de regime ditatorial de sua trajetória política.” (SILVA, 2011, p. 185)

6. Em projeto pioneiro em nosso país, a *Folha* digitalizou integralmente todo seu acervo de jornais desde sua fundação em 1921. Os noventa anos de história do grupo estão catalogados em mais de 1,8 milhão de páginas, agora disponíveis em poucos cliques para uma período de “degustação”. Interessante perceber como este projeto se encaixa bem na ideia de uma “cultura da memória” que viemos discutindo. O passado, tão importante e caro ao jornal para formação de sua identidade, pode aqui ser “consumido” de forma banal, um passado que se “degusta” sem maior problematização. Talvez pareça ser esta a ideia que a *Folha* pretende querer passar a seus leitores. Ao mesmo tempo em que esta se preocupa e procura reformular constantemente sua atuação no passado, seus leitores devem consumi-lo de forma descartável, como uma forma de celebração, um olhar curioso sobre algo que aconteceu a tanto tempo que deve apenas ser visto como uma efeméride. Há inclusive uma opção no site do acervo em que o leitor pode comprar e “coleccionar” capas do jornal em especial: “Você já pensou em ter em casa a Capa da Folha do dia em que nasceu? Ou a do dia do seu casamento? Ou então aquela que entrou para a história? Escolha as datas que representam os eventos mais marcantes para você e receba em casa a Capa da Folha desses dias, impressa em papel especial em formato de pôster.” (Disponível em: <https://assinatura.folha.com.br/capas/> Acesso em: 21 jun 2011.) Conscientemente ou não, a *Folha*, que tanto se preocupa em realizar um trabalho seletivo sobre seu passado, abriu a possibilidade para que qualquer interessado possa “resgatar” um período de sua atuação. Ao “arquivar” toda sua história, a empresa impede a possibilidade de um esquecimento sobre seu passado. Paradoxalmente, se pensarmos nos moldes daquilo que problematiza Fausto Colombo (1991) em seu estudo sobre a “obsessão pela memória” na sociedade contemporânea, o importante para o jornal parece não ser mais “recordar, praticar a memória, é saber que a recordação está depositada em algum lugar e que sua recuperação é – pelo menos na teoria – possível.” (COLOMBO, 1991, p. 104)

a intenção parece ser celebrar uma história, ao mesmo tempo em que procurar reforçá-la para os anos vindouros. Na edição, é evidente uma preocupação em se mostrar textos que “fizeram história”, “marcos memoráveis” que tem intuito de reforçar e renovar o compromisso do jornal com a ideia de pluralidade e apartidarismo, lembranças que procuram consolidar a identidade de uma empresa que sempre foi independente e transparente. Em editorial escrito na edição comemorativa dos noventa anos, o jornal afirma:

A sociedade brasileira é múltipla. Há décadas esse periódico procura refletir essa fecunda diversidade, seja ao abrigar opiniões variadas e contraditórias, seja ao ressaltar que cada fato admite mais de uma versão, julgando seu dever trazê-las ao conhecimento do leitor. Sem esquivar-se de emitir seu próprio ponto de vista, a Folha cultiva a pluralidade. O leitorado tampouco é homogêneo; as mais diversas inclinações nele se encontram representadas. Até por esse motivo, o jornal reivindica uma posição apartidária, no sentido de rechaçar todo alinhamento com partidos políticos, grupos econômicos ou correntes de opinião. Considera que ceder às paixões partidárias seria abrir mão de sua autonomia para exercer um jornalismo livre. (Folha de S. Paulo. Nove décadas. p. A2, 19 fev. 2011)

Praticamente trinta anos após uma tentativa - que nos parece bem sucedida - de reformular a identidade do jornal, os “rastros” desse passado ainda perduram no presente e procuram direcionar a ideia de um futuro para seus leitores. Segundo o editorial, a preocupação por um trabalho pautado na pluralidade se mantém por décadas, sendo praticamente um dos únicos compromissos do jornal para com seu leitorado. O período da ditadura, onde muito dificilmente o jornal conseguiu manter as opiniões múltiplas, é esquecido como forma de reforçar esta nova identidade. Como Silva (2011) problematiza, o esquecimento aqui não se dá pelo apagamento dos rastros, mas por uma memória seletiva que direciona as lembranças de acordo com intenções particulares. A função seletiva da memória, como alerta Paul Ricoeur (2007), carrega um forte traço de “ideologização” da lembrança. Através da narrativa, ela é incorporada à constituição da identidade ao oferecer: “à manipulação a oportunidade e os meios de uma estratégia engenhosa que consiste, de saída, numa estratégia do esquecimento tanto quanto da rememoração” (RICOEUR, 2007, p. 98). Ao rememorar suas “ideias” de história, o jornal “celebra” uma versão tida por ele mesmo como “autorizada”, uma memória imposta e “manipulada” com forte traço de pertencimento à sua identidade. Memória carregada de opinião que,



portanto, confunde passado, presente e futuro, numa busca pela interpretação “correta” da lembrança.

Na mesma edição, o jornal além de trazer inúmeros textos e fotos que “fizeram história”, numa espécie de linha cronológica que relata os acontecimentos mais significativos não só para o jornal, mas para toda a história do Brasil, procura firmar uma ideia daquilo que, “rememorado” deve ser entendido como “o” passado, uma história particular carregada de significados<sup>7</sup>. Em ambos os cadernos há também diversos anúncios homenageando a atuação do jornal e exaltando seu papel enquanto construtor de uma história para a nação pautada na credibilidade e na “transparência” das informações<sup>8</sup>. Essa preocupação que a empresa tem com sua história parece ter se exaltado nas comemorações de noventa anos da empresa, visto a quantidade de espaço destinada às celebrações e o grande material produzido para fins de rememoração. Este é um momento que, vale lembrar, procede os acontecimentos polêmicos do caso da

7. O caderno *Meu caso com a Folha* é constituído por inúmeros depoimentos de colonistas e colaboradores que possuem uma relação com o jornal. Há na seleção desses depoimentos uma tentativa clara de garantir “respaldo” à ideia de história do jornal, Vejamos alguns exemplos: “Um caso de leitor agradecido pela demonstração das virtudes da pluralidade de um jornal sem rabo preso.” (Elio Gaspari); “Antes e depois da campanha das Diretas-Já, em 1984, nenhum jornal brasileiro contribuiu mais do que a Folha para o fim da ditadura militar. É ainda hoje na luta contra o autoritarismo, o pensamento único e a acomodação mental que a Folha se destaca.” (Marcelo Coelho); “Na história, 1984 é o ano das Diretas-Já! Sócrates usava caneleiras amarelas, pelas diretas. Para saber a verdade, eu lia a Folha.” (PVC); “Comecei a ler a Folha na época das Diretas. Meu pai levava-a para casa todos os dias dizendo que enfim havia um jornal contra a ditadura. Para mim, foi nesse momento que o lugar da Folha na imprensa nacional se formou.” (Vladimir Safatle); “A Folha sempre atraiu minha atenção pela pluralidade de opiniões e de tendência. Sinto-me honrada por ser colonista desse jornal.” (Maria Inês Dolci)

8. Destaco ao menos dois: o anúncio que fecha o caderno *Meu caso com a Folha*, tomando todo o espaço da contracapa, criado pela agência Lew Lara para a Sabesp, empresa fornecedora do abastecimento de água no Estado de São Paulo: “Informação é como água: precisa ser transparente para você confiar.” (Folha de S. Paulo, ano 91, nº 29.907. Meu caso com a Folha, p. 48, 19 de fevereiro de 2011) e um anúncio interno de página inteira presente no caderno *toda a Folha*, criado para a construtora Tecnisa: “Este jornal noticiou duas grandes guerras da humanidade. Este jornal *acompanhou* a perda e a reconstrução do orgulho de um país. Este jornal viu a economia de um país ser pulverizada pela inflação. Este jornal esteve presente na deposição e na eleição de presidentes e políticos. Este jornal *participou* da redemocratização de uma nação. Homenagem da Tecnisa aos 90 anos da Folha de S. Paulo. Um jornal que faz parte da construção deste País.” (Folha de S. Paulo, ano 91, nº 29.907. toda a Folha, p. 09, 19 de fevereiro de 2011. grifo nosso).

“ditabranda”, onde memórias do jornal até então esquecidas retomaram a cena pública com bastante intensidade. Motivo que parece ter influenciado a decisão do jornal em reforçar ainda mais uma identidade que se mostrou abalada por um momento de suposta crise. No entanto, a preocupação do periódico com uma construção de história para os anos vindouros remonta a décadas e precisa ser compreendida. Vejamos como ela se constitui e foi se reforçando pela constante rememoração.

Uma das primeiras obras que procuram consolidar a imagem da *Folha* – a mais citada por praticamente todos os trabalhos que realizam um estudo histórico sobre o periódico – é, podemos dizer assim, sua obra “oficial”. A *História da Folha de S. Paulo (1921-1981)* escrita por Carlos Guilherme Mota e Maria Helena Capelato, renomados historiadores da USP, é a única obra de “fôlego” que retrata o surgimento e a consolidação do grupo. O livro foi escrito por encomenda a pedido de Otávio Frias Filho para ser lançado, possivelmente, nas comemorações de 60 anos do jornal, o que torna mais fácil pensarmos em alguma intenção particular da empresa para a consolidação de determinadas lembranças<sup>9</sup>. Na obra, a ênfase se dá no processo de expansão mercadológica do grupo. Escrita em fins do regime militar, a análise não se estende nas relações entre a imprensa e o processo de abertura, relações estas que ainda eram ambíguas e pouco claras para uma interpretação mais aprofundada, como afirmam os próprios autores. A ideia mais clara presente nas páginas do livro se dá pela interpretação de uma empresa que passa por uma “revolução tecnológica” e conquista sua “autonomia financeira” na época do período ditatorial. Conseqüentemente, a busca por um projeto político cultural mais sólido surge

9. Sem ter a intenção de relativizar a qualidade do trabalho dos historiadores, mas problematizando um pouco a “apropriação” que o jornal pode ter realizado de algumas obras que ainda iremos analisar, vale citar um ácido trecho do prefácio de Mino Carta à obra de Cláudio Abramo, a respeito de como os jornalistas trabalham com esta relação: “Os donos do poder são especialistas neste gênero de rapina, que praticam com a inestimável colaboração dos seus lacaios e jagunços. É um pessoal que não prima pelo senso de humor, o que talvez esclareça por que como assaltantes são de uma eficácia a toda prova. De fato, não há história de jornais e jornalista que mantenha um razoável apego à realidade, quer dizer, que não enxovalhe o compromisso básico da profissão. As evocações que as empresas jornalísticas fazem de seus feitos, e mesmo livros com pretensões a pesquisa científica, de autoria de profissionais embandeirados de ensafistas, magnificam sistematicamente os donos e diminuem, quando não cancelam, quem bolou e fez o serviço. A omissão é uma das formas mais sutis e eficientes de assalto à verdade. Omitida, ela vai ao fundo como um barco furado e ninguém a recupera mais.” (CARTA, Mino. Prefácio. In: ABRAMO, 1988, p. 07-08)

a partir do processo de distensão política, momento em que a empresa enxerga possíveis “brechas” e, sanada de sua “esclerose administrativa”, trabalha com uma política mais firme no processo de transição democrática<sup>10</sup>. A análise não esconde o apoio da empresa ao golpe, mas reforça a tese de que, naquele momento, a preocupação do jornal era procurar uma consolidação de sua estrutura administrativa. Período marcado por um forte fervilhar na cena política nacional, a obra dá mais ênfase às grandes “revoluções tecnológicas” praticadas pela empresa nos períodos iniciais do regime, exaltando seu pioneirismo enquanto portadora de uma postura agressiva e empresarial. Ao se tornar o jornal mais moderno e de maior circulação no país, a *Folha* passou os “anos terríveis” num processo de reformulação interna.

A obra de Gisela Taschner, *Folhas ao vento – análise de um conglomerado jornalístico no Brasil* consolida ainda mais a ideia de uma história pautada no processo de expansão tecnológica da empresa ao longo do regime militar<sup>11</sup>. A análise da autora consiste no processo de consolidação da indústria cultural no Brasil, entre as décadas de 1960 e 1970 a partir da formação do grupo Folha. A constituição de uma indústria cultural, muitas vezes com o respaldo do regime autoritário, deu uma característica peculiar às empresas que dele se beneficiaram. Daí decorre a grande expansão do grupo ao longo desses anos.

É baseada por estas análises e por inúmeros depoimentos que legitimaram as obras que, como vimos, as memórias sobre a *Folha* ao longo do período militar – e em especial nos seus momentos iniciais - podem ser consideradas como muito mais econômicas do que políticas. Memória manipulada em um nível prático, que a empresa enquanto um grupo carregado de opinião pretende quase que “obrigar” ao deixar de lado aquilo que procura esquecer. Tanto no nível da lembrança quanto na do esquecimento, a memória “narrada” pode facilmente enquadrar e manipular lembranças.

10. É nesse sentido que os autores analisam o período a partir do seguinte viés: 1962/1967: reorganização financeiro-administrativa e tecnológica; 1968/1974: a “revolução” tecnológica; 1974/1981: definição de um projeto político-cultural. Versão que será comumente utilizada nas análises históricas referentes ao periódico. Retratar o período de 1968/1974 sob o viés de uma “revolução tecnológica” silencia um pouco os embates e contradições presentes naquele conturbado momento em que o jornal estava inserido.

11. A obra é lançada em livro no ano de 1992, mas é fruto de sua tese de doutorado em sociologia, defendida na USP em maio de 1987. Taschner dialoga constantemente com o trabalho de Mota e Capelato.

Lembrando, rememorando e comemorando: é desta forma que se celebra a história, uma história “obrigada”, celebrada publicamente pelo abuso de memória e esquecimento: “História ensinada, história aprendida, mas também história celebrada. À memorização forçada somam-se as comemorações convencionadas. Um pacto temível se estabelece assim entre rememoração, memorização e comemoração.” (RICOEUR, 2007, p. 98)

Ao entrar em um processo de transição, ganhando respaldo do Estado para atuar de forma mais “aberta”, a *Folha* muda não só a sua atuação enquanto empresa, mas na forma como rege a política de suas lembranças. O livro de Mota e Capelato, lançado no ano de comemoração dos 60 anos do jornal, momento que precede a ampla campanha pelas Diretas “comandada” pela *Folha*, parece ter auxiliado a consolidar uma postura que a empresa procura colocar em suas páginas com o processo de abertura<sup>12</sup>. Nesta análise, o jornal é visto como uma empresa preocupada em se legitimar enquanto referência no período de transição, passando de um processo de “autonomia financeira” à “independência política”. Decorrente disso, uma postura mais crítica em relação a sua política editorial já pode ser percebida na edição comemorativa dos sessenta anos da empresa, em 1981. A edição de 19 de fevereiro deste ano já deixa claro os caminhos que a empresa pretende trilhar a partir de então<sup>13</sup>.

12. Não é à toa que há uma citação estampada na contracapa do livro: “A abertura de uma nova década configura um momento especialmente propício à reflexão. É como se se pudesse *recomeçar tudo do marco zero*. Mas, na verdade, o tempo não volta atrás. Por essa razão, tornam-se oportunos os balanços nessas épocas, quando se criam *ocasiões novas para se projetar o futuro*.” (Folha de S. Paulo. A década da incerteza. 01 de janeiro de 1980. grifo nosso.) Retirado do editorial “A década da incerteza”, o trecho procura fazer um balanço dos anos vindouros e demonstra uma clara postura que a *Folha* pretende assumir a partir de então. Se a década é de incerteza, a atitude da *Folha* para com o passado não o é. O jornal pretende “recomeçar tudo do zero”, mas como o tempo não volta atrás, o futuro será projetado a partir de “balanços”, lembranças e rastros que serão selecionados a partir daquilo que o grupo pretende legitimar como um “passado a ser futuro”.

13. A edição é apresentada com uma nota na capa convidando os leitores às comemorações na sede da empresa, que seria precedida por um “culto ecumênico”. Essa celebração é utilizada de forma corrente pela *Folha* a partir de então e é mais uma iniciativa do grupo para reforçar sua ideia de “pluralidade”. A partir da celebração do sexagésimo aniversário do jornal já se mostram bem mais marcantes as relações com a identidade que a efeméride pretende instaurar. Pela primeira vez, em seus 60 anos, o jornal começa a dar amplo destaque às comemorações em suas páginas, sendo que neste ano foram praticamente uma semana de matérias relacionadas às comemorações, que se ampliaram por um ciclo de debates promovidos pela *Folha*. “Brasil: caminhos da Transição” discutiu no próprio auditório da empresa, assuntos considerados “ta-

Em editorial intitulado “Os caminhos da transição” o jornal afirma que é este o momento para se refletir sobre o processo de transição democrática, pois

É tão íntima a relação da imprensa com o rumo das instituições, que ela costuma funcionar como uma espécie de termômetro das oscilações políticas e das tensões sociais. Não é à toa que nas tentativas - bem ou malsucedidas - de golpes de Estado no passado, uma das primeiras preocupações dos poderosos do momento foi controlar a informação, cerceando os jornais mediante diversas formas de censura. Por outro lado, o termômetro jornalístico tem servido também para indicar os sentimentos que prevalecem na população, como ocorreu exemplarmente no fim do governo João Goulart. Naquela ocasião, a queda do presidente da República foi pontuada por contundentes editoriais, entre os quais merecem especial menção os do extinto “Correio da Manhã”, que se incorporavam definitivamente à história do jornalismo no Brasil. Nem conduzir a história, pretensão descabida - pois apesar das aparências a imprensa não faz governos nem desfaz regimes, mas registra os sentimentos, desejos e esperanças da população<sup>14</sup>.

Atuando como um “termômetro das oscilações políticas” o jornal assume que não possui – diferentemente da postura que pretende passar - a capacidade de “conduzir a história”. Ao afirmar isto, se mostra apenas um “observador” no processo de redemocratização e, acima de tudo, no período do governo militar. Os golpes de estado são para o jornal um “passado”, momento em que a imprensa sofreu um grande cerceamento de informação. Visão que legitima a ideia “relativista” de censura, onde a imprensa é apenas vista como vítima de um estado opressor. Se as censuras foram diversas, a imprensa tinha apenas uma única opção: calar-se. Como vimos, não são estas as lembranças sobre a *Folha* durante sua atuação no regime, que não apenas acatou as imposições, mas também lucrou muito no período. Relação ambígua e conturbada que se não é apagada, se torna, ao menos, esquecida. A *Folha* neste momento já começa a se preocupar em evidenciar que é um jornal livre, plural e apartidário, sua identidade começa a se reformular.

Na mesma edição, ocupando toda a página sete do primeiro caderno, há mais uma vez a utilização de depoimentos que procuram legitimar a nova identidade do jornal. Inúmeros políticos e parlamentares exaltam a atuação

---

bus” durante o regime militar, como a necessidade de uma nova Constituinte, a cidadania e a questão do aborto. Uma comemoração com “pretensões” e impacto como este só foi superada na edição de 90 anos do jornal, em 2011.

14. (Folha de S. Paulo. Os caminhos da transição. p.02, 19 de fevereiro de 1981)

da empresa enquanto uma “trincheira da liberdade”, afirmando que a festa é de toda a nação preocupada com os preceitos da democracia. Todos os depoimentos apagam a atuação do jornal ao longo do regime, rememorando a sua incansável luta em prol da redemocratização. Momento de efeméride, o “abuso” da lembrança – e do esquecimento controlado – parece ser a alternativa mais sadia<sup>15</sup>. Com o apoio de políticos, o jornal parece se mostrar mais à vontade para evidenciar aos seus leitores que este era o caminho a seguir, irremediavelmente.

A página ainda contém um espaço de três colunas para fazer menção ao lançamento da obra *História da Folha de S. Paulo (1921-1981)* de Mota e Capelato. O texto escrito pelo próprio autor procura evidenciar uma trajetória “fiel à verdade” e relativiza ainda mais a atuação do periódico durante o regime. Apaga as lembranças de seu posicionamento no golpe de 64 ao firmar que, em 31 de março o jornal publicava apenas que “informação é liberdade, quando disseminada sem restrições”. Ao mesmo tempo em que “apaga” das lembranças o colaboracionismo do jornal com o golpe, relativiza ainda mais sua atuação nos anos de chumbo, período em que, segundo o texto, o jornal foi frequentemente “cerceado” em suas iniciativas. Estas visões, que são ampliadas no livro, assumem no texto jornalístico um tom mais simplificador. A narrativa jornalística permite que as lembranças e os esquecimentos se legitimem com ainda mais facilidade. Com o texto jornalístico, o historiador assume a identidade de um “comemorador” discurso que, como afirma Todo-

15. Na edição do dia 20 de fevereiro, os depoimentos continuam. Em matérias que ocupam duas páginas inteiras do primeiro caderno há relatos da confraternização ocorrida no dia anterior e testemunhos de políticos, anunciantes e leitores. Retiro alguns trechos que merecem destaque: “Este, para mim, é um evento da maior significância, que marca os 60 anos contínuos da vida do jornal. E essa comemoração, hoje, dá-se na medida exata de quanto um jornal, sobretudo respeitado, pode ser o símbolo de um regime livre.” (senador Jarbas Passarinho); “Uma questão a ressaltar é a exemplar imparcialidade com que vem se comportando a Folha.” (presidente do PMDB, Ulisses Guimarães); a coisa mais marcante que a Folha conseguiu, nestes anos todos de dificuldade para a expressão da opinião no Brasil, foi manter suas páginas abertas a todos aqueles que queiram contribuir para a redemocratização.” (professor Fernando Henrique Cardoso) (Folha de S. Paulo, ano 61, nº 18.951, p. 04, 20 de fevereiro de 1981.) Na página seguinte, há destaque para as “lembranças” do então governador de estado Paulo Maluf: “Desde a sua fundação, a Folha se destacou na defesa dos interesses do País, nos mais variados setores. Memoráveis foram, nesses 60 anos, várias de suas campanhas.” (Folha de S. Paulo, Desde o início, a defesa do País, lembra Maluf, ano 61, nº 18.951, p. 05, 20 de fevereiro de 1981)

rov (2002), possui uma pretensão de verdade ao procurar refletir a imagem que um grupo pretende dar a si mesmo. Simplificando o conhecimento do passado o comemorador não fala de si mesmo, procura se beneficiar da impessoalidade do historiador para legitimar seu discurso como verdadeiro, um típico “abuso” da memória no sentido de direcionar as lembranças a partir daquilo que a imprensa pretende legitimar como o que deve vir a “ser lembrado”.

### **Da história que reforça a memória: lembranças legitimadas, rastros esquecidos e apagados.**

Amparada pela análise da obra de Mota e Capelato, rememorada constantemente a partir de então em suas páginas e respaldada pela ampliação dos testemunhos, a empresa começa a construir, na prática, um amplo Projeto Editorial para que se consolide a identidade de um jornal plural e que – sempre – lutou pela redemocratização. Projeto que irá culminar na campanha das Diretas-Já, momento tido de “maior prestígio” e credibilidade da empresa, onde suas memórias sobre o regime militar parecem ter sido praticamente incineradas. A ideia da criação de um projeto editorial mais sólido foi visto pela *Folha* como iniciativa crucial para estabelecer alguns parâmetros de como a empresa, enquanto prestadora de serviços para a sociedade, entende sua ideia de “informação”, traduzindo um conjunto de ações que mais tarde seria delineado no “Projeto Folha”. Pautado na característica de um jornalismo crítico, apartidário e pluralista, o projeto terá como marca esta nova ideia de fazer jornalismo para a empresa. O projeto inicial, de junho de 1981 *A Folha e alguns passos que é preciso dar* já evidencia de cara a proposta de se criar um novo “tipo” de jornal: “O objetivo de um jornal como a Folha é, antes de mais nada, oferecer três coisas ao seu público leitor: informação correta, interpretação competente sobre essa informação e pluralidade de opiniões sobre os fatos.”<sup>16</sup> Estes preceitos estão legitimados pela busca – por mais que o projeto acredite ser praticamente impossível atingir a total imparcialidade jornalística – de uma interpretação mais clara e fiel da realidade. No entanto o

16. (Folha de S. Paulo. *Projeto Editorial 1981*. *A Folha e alguns passos que é preciso dar*. Um tipo de jornal. Disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/proj\\_81\\_1parte.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/proj_81_1parte.htm) Acesso em: 29 jun 2011.)

jornal deixa claro que, ainda assim, se buque uma postura crítica para marcar sua identidade.

No mesmo projeto, em outro texto intitulado *Um ponto de passado e de futuro*, o jornal faz um balanço de sua história, afirmando que já em inícios da década passada, começara um processo que delinearía sua postura crítica atual, mas numa tentativa de esquecer as lembranças daquele passado, afirma: “Não cabe aqui inventariar as condições que permitiram ao jornal fazê-lo nem cabe tampouco sumariar os passos que vem dando e a estratégia geral que vem seguindo desde então.”<sup>17</sup> Deixa claro apenas uma postura que pretende assumir, alguns “ingredientes que parecem importantes”, como afirma o projeto: a saúde econômica e financeira da empresa, que lhe garantem hoje a independência jornalística para seguir avançando. Sua “narrativa do esquecimento” procura ponderar algumas questões. Afirma que na década passada, período em que se iniciou a “revolução política” de abertura do jornal, a *Folha* enquanto postura de uma “ideia de jornal” ainda não tinha muito que oferecer, a não ser intenções. Se hoje a empresa é vista como um jornal independente e plural, isto se deu pelos méritos de sua “revolução política” e uma postura agressiva. Ela caminhou sozinha e seus dirigentes foram os responsáveis pela ampliação do empreendimento que, tímido nas décadas passadas, agora caminhava a largos passos.

O projeto pretende legitimar ainda mais as lembranças construídas e memoradas em exaustão a partir de então. Com a campanha das Diretas, o jornal saiu vitorioso. Suas lembranças como porta-voz da redemocratização se legitimam e as memórias de uma imprensa cúmplice e apoiadora do golpe se tornam subterrâneas, esquecidas, depositadas em um reservatório que parece não mais poder se alcançar pela rememoração. O projeto editorial de 1984 pretende trilhar um caminho a seguir depois deste panorama. *A Folha depois da campanha diretas-já* afirma que “credibilidade exige responsabilidade” em um momento em que o jornal conduziu um processo crucial na história do Brasil, consolidando sua identidade ao ponto de afirmar: “Antes da

17. (Folha de S. Paulo. *Projeto Editorial 1981*. Um ponto de passado e de futuro. Disponível em: [http://ww1.folha.uol.com.br/folha/circulo/proj\\_81\\_2parte.htm](http://ww1.folha.uol.com.br/folha/circulo/proj_81_2parte.htm) Acesso em: 29 jun 2011.)



campanha, era difícil ignorar a Folha; depois dela, tornou-se impraticável.”<sup>18</sup> O momento de consolidação de sua identidade exige uma postura responsável, visto que a empresa é agora encarada como uma grande porta-voz dos preceitos democráticos, ajudando a reconstruir a história da nação. Seu trabalho é formar e informar estes novos cidadãos em espírito crítico, plural e atuante.<sup>19</sup>

A análise de Carlos Eduardo Lins da Silva sobre o “Projeto Folha”, presente em sua obra *Mil dias*<sup>20</sup> pondera que, se num primeiro momento os documentos que antecedem o Projeto estão preocupados em articular uma nova visão política à empresa, os novos textos, a partir do sucesso e consolidação da campanha das Diretas – e que irão constituir a sua base –, reforçam a identidade da grande revolução técnica vivenciada pelo jornal. É um momento em que, segundo o autor, se deu menos destaque ao “proselitismo” político para se preocupar com a técnica da atividade. A empresa dedicou-se neste momento à reformulação de uma ideologia jornalística que era muito mais técnica do que política. Havia um processo de transição política, o jornal se apoiava nele, mas estava preocupado em se legitimar enquanto uma empresa plural, apartidária e que, acima de tudo, revolucionara seu modo de fazer jornalismo. “Era o início da constatação de que os anos 70 haviam levado a uma hipertrofia do plano político do jornal e de que os anos 80 deveriam levar, em contrabalanço, a uma opção maior pela parte técnico-jornalística.” (SILVA, 2005, p. 100-101) Visão paradoxal que nos remete a um momento contur-

18. (Folha de S. Paulo. *Projeto Editorial 1984*. A Folha depois da campanha das diretas-já. Credibilidade exige responsabilidade. Disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/proj\\_84\\_1parte.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/proj_84_1parte.htm) Acesso em: 29 jun 2011. grifo nosso.)

19. Posteriormente a este projeto editorial de 1984, seguem ainda quatro que se estendem até o ano de 1997. Nossa intenção aqui é apenas compreender como se deu o processo inicial de criação e consolidação de uma nova identidade para a empresa. Os projetos seguintes têm o intuito de dar continuidade à “idéia de jornal” da empresa, atualizando-a as conjunturas atuais. Para uma consulta detalhada de todos os projetos ver: [http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/projeto\\_editorial.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/projeto_editorial.htm). Em 1984 é lançado o *Manual de Redação da Folha*. Visto como um marco neste novo fazer jornalístico, o manual também passará por várias reformulações ao longo dos anos e se tornou sucesso editorial para o público externo. Segundo Silva (2005), foram vendidas mais de 17mil cópias do Manual em apenas um ano.

20. A obra, lançada em 1988 ganhou uma nova edição revista e ampliada em 2005. Lançada pela Publifolha, podemos considerá-la mais um dos livros que entram no “rol” das obras que procuram “reforçar” a memória particular da empresa.

bado. Ao mesmo tempo em que, para o autor, a *Folha* assume um processo de “mercantilização” da imprensa, não devemos negligenciar o fator político que no início dos anos 80 fervilhava com a campanha das Diretas.

Não há portanto um abandono do caráter político, mas este deve ser encarado também a partir de outras versões<sup>21</sup>. Versões que contrapõem a ideia de uma imprensa pautada essencialmente nos preceitos técnico-jornalísticos e que a própria empresa assume como verdadeira. Partindo dessas lembranças, o autor procura afirmar que a *Folha* assume uma preocupação maior com a parte técnica do fazer jornalístico que começa a se evidenciar por uma visão de mercado. Esta lógica, afirma o autor, não se daria nem por preceitos éticos nem políticos, mas por questões mercadológicas: “O jornal não pretende falar em nome de toda a sociedade ou da “opinião pública”, mas somente falar a todos os grupos que constituem o seu leitorado.” (SILVA, 2005, p. 130). Portanto, a ideologia do “apartidarismo” se sustenta a partir desta visão. Há a necessidade de um pluralismo, mas para que ele abarque a capacidade de representar um “real” para um público heterogêneo que agora consome o jornal<sup>22</sup>.

Reconstituída sua história, o jornal parece se sentir “livre” para estabelecer uma memória particular sobre o período. Neste momento a empresa procura, através da rememoração, reforçar a ideia de qual história ela pretende fazer

21. De acordo com a análise de Sônia Meneses, o lento processo de distensão política ajudou a *Folha* (e os demais grupos que apoiaram o golpe) a preparar um também lento processo de esquecimento, requerendo para si a “graça anistiante”. Desta forma, “A obra de Lins da Silva pode ser compreendida como parte de um projeto, muito mais amplo que a mudança técnica-editorial implantada na *Folha* nos anos 80, significa, especialmente, a política de construção de uma nova identidade do jornal que teve como ponto capital a formulação de uma nova memória.” (SILVA, 2011, p. 177)

22. O jornalista Bernardo Kucinski acredita que o marketing é o grande foco de estratégias da *Folha* que, conseqüentemente atingiu os preceitos de seu projeto editorial naquele momento: “Ao se lançar com todo o empenho na campanha das Diretas Já de 1984, a ponto de conduzir a campanha, a *Folha de S. Paulo* perseguiu o poder político não pelo político, mas primordialmente para fazer o marketing de si mesma. Era o marketing de lançamento da *Folha* como o jornal da abertura política, um jornal com ideologia, com aura. Pois as técnicas do marketing obrigam todo produto a ter uma aura. [...] Era natural que aproveitasse os ventos da abertura para concentrar seus esforços na criação de impacto opinativo que permitisse ao jornal alçar-se no conceito público.” (KUCINSKI, 1998, p. 75) Essa visão, por mais que seja crítica ao jornal, por um lado também auxilia a apagar as relações políticas da empresa. Para o bem ou para o mal, a ideia de uma memória técnica-mercadológica auxiliou a esquecer as atuações políticas da *Folha* naquele momento.

lembrar como verdadeira, ou pelo menos aquela que julga digna de ser lembrada. Em 1985 é lançada a primeira edição do livro *Primeira Página* que pretende retratar as páginas mais “significativas” publicadas pela *Folha* desde 1925<sup>23</sup>. Trabalho complicado - afirma Frias Filho em introdução à obra - que se daria numa espécie de recolhimento de fragmentos para que, pesados numa balança, fossem selecionados alguns, dignos de serem vistos como uma imagem do mundo, um “truque de ilusão.” Bem sabemos que a memória não é “ilusão”, ela é rastro, fragmento, que nos chega do passado com uma intenção clara: formar identidades, pertencimento, agrupar ou fragmentar coletividades, indivíduos. Ela é ambígua, conflituosa, pode ser utilizada como um “truque”. Mas ao ser seletiva, fazemos usos, abusos dessas lembranças e a *Folha*, conscientemente ou não, estava trabalhando com ela ao selecionar capas para serem vistas como “as mais significativas” da história.

Precedida por algumas reflexões sobre o conceito de “primeira página” no jornalismo, a obra contém textos interessantes para nossa análise. De acordo com Matinas Suzuki Jr. professor e então editor da *Folha Ilustrada*, a primeira página é tida como o momento máximo da “esquizofrenia” jornalística. Ao intermediar uma busca de identidades, o jornalista acaba por trabalhar em nome do leitor, hierarquizando e selecionando acontecimentos. É a página mais impessoal do jornal, mas ao mesmo tempo aquela que força o jornalista a assumir a personalidade do outro, introduzindo o sujeito à notícia e narrando os acontecimentos a partir de um recorte particular. Ao selecionar os acontecimentos e produzir uma modalidade própria de conhecimento, Suzuki Jr. acredita que o jornalista produz uma História vista como um “espelho do mundo”, retratando um “simulacro” da realidade. É por isso que, acredita ele, cada jornal constitui sua identidade ao narrar sua história. O jornal, atuando como uma “firma reconhecida” da História, uma espécie de “vitrine” dos acontecimentos, ajuda a garantir legitimidade e significância àquilo que “ocorre” no mundo. Se encararmos a primeira página sob esta premissa, devemos considerar que, como “construtora de história”, ela é carga de memória. Memória que é selecionada, enquadrada e lembrada como uma realidade que “aconteceu”. Desta forma, “conhecer” uma realidade só seria possível a partir do momento em que ela nos é “lembrada” pela mídia, garantindo também a

23. A obra também é lançada como parte das comemorações dos 60 anos de fundação da empresa.

consolidação de nossa identidade. A *Folha*, atuando como um “dispositivo” particular carregado de sentido, ao selecionar aquilo que ela pretende “fazer saber” está sim construindo memórias, lembranças sobre um determinado período que, posteriormente, poderão se legitimar como História. O acontecimento enquadrado não representa por si só a construção de uma escrita da história, pretensão que a *Folha* pretende carregar em sua nova identidade.

A seleção das capas foi feita pelo historiador da USP Nicolau Sevcenko o que parece garantir certa legitimidade à escolha do material. O historiador aproveita o espaço para refletir um pouco sobre a história da *Folha* e sobre a importância estratégica da obra para a constituição da identidade do jornal. Os processos de seleção, afirma o historiador, foram múltiplos, parciais e discutíveis, visto que está ciente do poder “vibrante” que o documento carrega. “Há fatos que nos ficam registrados na memória justamente em função do choque produzido por uma primeira página impactante e bem sucedida.” (SEVCENKO, 1985, p. 14). A primeira página, instrumento que “cimenta” a memória, reproduz também um contraponto, salienta Sevcenko: o esquecimento. Para ele, houveram acontecimentos marcantes que, reproduzidos em primeiras páginas, lhe serviram de constante lembrança, como o assassinato do presidente Kennedy, a cena dos tchecos pintando os tanques soviéticos, o palácio chileno de La Moneda em chamas. Mas pouco se falou, por exemplo, de um acontecimento importante como o massacre dos negros em Sharpeville nos anos 1960, instituído pela ONU como data de lembrança mundial em repúdio ao racismo. É desta forma que, acredita ele, as notícias tidas como pouco relevantes são deixadas à margem. Se o jornal não as noticia, é como se não tivessem acontecido e, portanto, não serão lembradas da mesma forma. “Disso sabem muito bem aliás, os censores, figuras infaustas tão lastimavelmente presentes na História da imprensa brasileira, e é claro, da *Folha* de S. Paulo também.” (SEVCENKO, 1985, p.14)

Com essa afirmação o historiador parece dar respaldo à atuação do jornal durante o regime militar ao mesmo tempo em que acaba por justificar seu processo de seleção das capas. Se alguma notícia ou fato marcante não esteve presente nas páginas do jornal e, conseqüentemente, nesta seleção, é porque o jornal esteve sob censura durante o período. Noticiaram o que puderam em um momento em que mal podiam se expressar. O esquecimento se deu sob condições particulares e não pela intenção da empresa. Ao observar as páginas, percebemos que grandes fatos políticos são lembrados: a eleição,

renúncia e morte de Getúlio Vargas, a posse e renúncia de Jânio Quadros em 1961, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade em 1964 e a capa de 1º de abril de 1964 anunciando o golpe. As capas sutilmente procuram não fazer muita menção a este conturbado período inicial do regime, acontecimento que é “sufocado” por notícias como o bicampeonato do Brasil na Copa do Mundo de 62, o assassinato de Kennedy em 1963, manchetes sobre a Guerra Fria e os conflitos na faixa de Gaza. A trajetória das capas representa muito bem a ideia de história que o jornal pretende consolidar: preocupado com sua situação financeira, pouco ataca no começo, acatando a imposição dos militares, visão que começa a mudar com o processo de abertura e a pretensão de firmar uma posição político-editorial mais clara. Com o processo de abertura, as capas esbanjam posições políticas definidas como é o exemplo da considerada clássica capa da Marcha pelas Diretas, de 26 de janeiro de 1984 e que é inclusive utilizada pela *Folha* em outras ocasiões, como veremos. As capas, um “espelho do mundo”, refletem bem a imagem de um jornal que construiu uma história e que a reforça a partir de suas lembranças para cristalizar sua identidade. A memória se torna história. A história, rememorada, garante que o jornal se represente como um espelho daquilo que pretende ser. Ela acaba criando o seu próprio espelho de mundo.

Quando completa 70 anos, em 1991, a *Folha* lança mais uma obra que pretende consolidar como os *20 textos que fizeram história*. Se as capas refletiam a ideia de história do jornal, agora estes textos a escrevem. A introdução do livro mais uma vez realiza um panorama daqueles tempos “difíceis” e discorre sobre o sólido e inovador projeto que a empresa implantou com o processo de distensão. Ao introduzir o que o leitor pode esperar daqueles textos, relata: “Este não é um livro só de reportagens, mas de textos que marcaram a história da Folha e do país. Você está entrando neste momento num túnel do tempo.” (FOLHA DE S. PAULO, 1991, p. 07) Se nas obras anteriores parecia haver uma tentativa de esquecimento sobre os anos do regime militar, aqui eles são completamente apagados. A história que esses 20 textos escrevem começa apenas em 1974, com o incêndio do edifício Joelma em São Paulo e termina com uma matéria sobre os anos Collor em 1991. Como construtor de uma história particular, o jornal se sente no privilégio de poder construir o túnel que quiser para que seus leitores embarquem na viagem de rememoração dos acontecimentos.

Esta atuação para com a história demonstra a atitude de um jornal consolidado que se preocupa apenas em rememorar um passado para lhe garantir unidade no presente. A edição comemorativa de 70 anos deixa claro isso. Tímida, se comparada à anterior, ela reflete um momento diferente, onde o próprio contexto sócio-político nacional garante um clima de maior estabilidade. Na década de 1980, momento de transição política, havia uma preocupação para o jornal em constituir uma identidade de desvenchilamento do golpe que parece ter sido alcançada a partir de então. Na edição de 19 de fevereiro de 1991 há apenas um editorial na capa e uma página interna se referindo ao aniversário da empresa. O editorial, muito mais ponderado, reflete sobre a atuação de um jornal que esteve atrelado à história do país e que, portanto, passou por momentos conturbados, mas que hoje se consolida como um jornal plural, democrático e inovador. “Superada a fase da democratização política, a sociedade está às voltas com a estabilização da economia para retomar seus planos de desenvolvimento.”<sup>24</sup> O discurso da *Folha* sobre o panorama nacional parece refletir sua própria atuação: superamos uma fase, esta parte da história já está construída, iremos lembrá-la, mas caminhamos para frente.

Na matéria interna há um levantamento breve sobre o histórico da empresa que, mais uma vez, não cita sua relação com o regime militar. O texto procurar perpassar as “4 fases” da empresa evidenciando como chegou a se consolidar como um jornal que fez somar apartidarismo à tecnologia, ostentando uma dupla posição: seu constante posicionamento crítico frente aos governos aliado à uma inovadora revolução tecnológica que o tornaram o jornal mais lido do país, com uma circulação média de 400mil exemplares diários. Discurso consolidado, as rememorações parecem a assumir sua função mais banal: “comemorar”. Sua identidade enquanto um jornal tecnologicamente inovador simplifica o passado e procura “resgatá-lo” apenas como uma efeméride, um passado que se “sacraliza”, celebrado de longe. Todorov (2002) nos alerta sobre a preocupação de fazermos um julgamento “moral” dessas comemorações. Até que ponto elas não estariam desvirtuam e banalizando uma melhor interpretação do passado? Ao que nos parece, as comemorações da *Folha* pretendem a partir de então assumir esse tom, isolando radicalmente a lembrança e a utilizando como fins de rememoração para cristalizar sua

24. (Folha de S. Paulo, Editorial, ano 71, nº 22.602, 19 de fevereiro de 1991.) Vale lembrar que o editorial cita a sua participação na política de distensão e seu “empenho” na campanha das Diretas Já, mas ao menos menciona o período inicial do regime militar.

identidade. Identidade que se reforça a partir do silenciamento de um outro passado que se abriga nas sombras do esquecimento. O momento agora é de comemoração, no sentido celebrativo da palavra. O tom político da lembrança vai passando às entrelinhas<sup>25</sup>.

A *Folha* adentra o século XXI esbanjando credibilidade. É um jornal que faz história, independente, moderno e inovador. Possui a maior tiragem do país e se vangloria de um passado crítico, combativo e “aberto”, que sempre se preocupou com as necessidades da sociedade civil. Não à toa, inaugura-se em 2002 a cátedra Octavio Frias de Oliveira. Em uma parceria acadêmica entre as Faculdades Integradas Alcântara Machado - FIAM e o grupo Folha, o espaço é destinado à formação de novos profissionais da área de comunicação social. Agora a *Folha* possui maturidade suficiente para discutir os rumos do jornalismo e mostrar que tipo de profissionais pretende formar para o novo mercado. Fruto desta parceria é lançado no ano seguinte o livro *Um país aberto* que reúne um apanhado de palestras e comunicações realizadas em encontros da cátedra e que refletem um pouco sobre as quatro décadas de trabalho de Frias e a história da *Folha*. O livro comenta os “acontecimentos marcantes” do jornal e procura ser “ao mesmo tempo, um compêndio de jornalismo contemporâneo e uma memória do passado”. Memória que novamente legitima sua história. Dos seis textos que compõem a sessão “História da Folha” nenhum retrata especificamente o período militar e três são dedicados exclusivamente ao período de redemocratização e à campanha das Diretas<sup>26</sup>. Se antes o esquecimento se dava pela narrativa seletiva da lembrança, agora ele se dá pelo apagamento dos rastros.

No entanto, a visão da empresa é a de que está editando um livro “aberto” às mais variadas ideias, como sugere a apresentação à obra. “O resultado

25. Podemos perceber esta atitude em suas comemorações quando a *Folha* realiza uma “intervenção poética com raio laser” nos prédios da avenida Paulista em São Paulo, convidando poetas e artistas visuais a reproduzir suas obras em lasers refletidos no concreto. A *Folha* aqui está apenas preocupada em celebrar seu aniversário. Utilizando equipamentos “até hoje inéditos no país” os artistas comemoram, mostram sua arte e ainda reforçam a identidade do jornal enquanto uma empresa prestigiosa e moderna.

26. Parece haver uma grande preocupação aqui em legitimar a história da *Folha* com a história das Diretas. A segunda página que abre o livro é estampada com a capa do dia 26 de janeiro de 1984, que noticia a grande mobilização em São Paulo. A imagem reforça a ideia do jornal e faz o leitor rememorar aquele momento, antes mesmo de iniciar sua leitura. As lembranças já o direcionam para aquilo que o livro irá refletir.

sugere uma polifonia, em que se escutam as vozes mais diversas – bem no espírito do homenageado, renomado defensor de um jornalismo pluralista.” (FOLHA DE S. PAULO, 2003, p. 05) As vozes diversas são constituídas por autores já “conhecidos” do homenageado: personalidades, jornalistas que atuaram no jornal, jornalistas/historiadores que escreveram sobre e para a *Folha* ao longo dos anos. Percebe-se facilmente, como é normal em momentos comemorativos, o tom emotivo das mensagens que vangloriam a atuação do jornalista ao longo da construção e consolidação de sua empresa. Além desses depoimentos, o livro é composto por textos que fazem um balanço da história do jornal. Os historiadores Maria Helena Capelato e Nicolau Sevckenko, que já haviam escrito livros sobre a História e as capas da Folha, respectivamente, apenas reproduzem seus discursos assumidos anteriormente. Já os artigos que compõem a reflexão sobre as Diretas são em certa parte “conflituosos”, mostrando diferentes pontos de vista e citando de forma breve a participação da *Folha* na ditadura. Mas, no geral, percebe-se que o intuito dessas reflexões é legitimar uma memória da *Folha* como jornal preocupado com a abertura e a democracia. Está escrita sua história e o passado lembrado – a partir de um enquadramento da memória - tem objetivos claros de reforçar uma visão particular carregada de opinião, que direciona um presente a ser futuro.

O jornal comemora seus 80 anos com uma visão bem clara de quem é e de como pretende ser visto e lembrado. Sua edição comemorativa impressa é bastante parecida com a anterior, pouco diz, mais celebra do que discute<sup>27</sup>. Sua identidade está consolidada, o jornal não precisa mais construir uma história, apenas reforçá-la pela rememoração. Já não há mais necessidade de nos atermos a essas lembranças, seus discursos já estão estabelecidos, se repetem e cristalizam a ideia de uma história que garante a identidade do jornal. Se antes a empresa não possuía a capacidade de conduzir a história, é porque

27. Há novamente a celebração a partir de um pluralista ato ecumênico em homenagem ao jornal. A edição do dia 19 de fevereiro de 2001 pouco relata sobre a sua atuação no passado, apenas enfatiza as comemorações festivas da empresa. É uma edição bastante modesta se compararmos a que se seguirá e a que se precedeu nos anos 1980. No entanto, o jornal lança um extenso suplemento na internet. Aqui não cabe analisá-lo uma vez que ele irá se repetir em um processo de rememoração que já estamos longamente discutindo. Nosso intuito foi perceber como se formou e se constitui essa identidade da empresa a partir da constante rememoração do passado. Consolidada sua história, seu processo de rememoração se torna repetível. Vale por curiosidade uma consulta ao site: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/>



não tinha a sua própria formada. Agora, com a identidade consolidada e uma história construída, a *Folha* se denomina um agente influente para a consolidação da história do país. Passou de um observador a ator ativo no processo. Pouco antes da próxima efeméride, mal saberia o peso que uma palavra como “branda” poderia causar ao processo de legitimação dessas lembranças. O caso da “ditabranda”, que será preocupação em um estudo posterior, foi visto como o momento em que se instaurou a maior crise de credibilidade da empresa, nas vésperas das comemorações dos 90 anos de um jornalismo plural, apartidário e independente. Encadeado por um discurso que partiu de suas próprias lembranças sobre o período, sua identidade foi, pela primeira vez, posta à prova de forma definitiva.

O que procuramos aqui foi estabelecer alguns fatos, essenciais para se compreender a atuação do jornal no período. Lembranças e esquecimentos que ajudaram a empresa a consolidar a construção de uma história própria sobre sua atuação durante o regime. Uma história carregada muitas vezes de “manipulações” e “impedimentos” de lembranças e pautadas numa forte opção pelo esquecimento. As memórias sobre o período militar no Brasil se constituem por conflito e ainda estão presentes no imaginário coletivo da nação. A *Folha* foi uma das grandes responsáveis por colocar novamente à tona essas discussões na agenda midiática, só que dessa vez ela não conduziria a história.

### Fontes:

- Folha de S. Paulo. *Projeto Editorial 1981*. A Folha e alguns passos que é preciso dar.
- Folha de S. Paulo. *Projeto Editorial 1984*. A Folha depois da campanha das diretas-já.
- Folha de S. Paulo. *Primeira Página*. 1925-1985. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1985.
- Folha de S. Paulo. *20 textos que fizeram história*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1991.
- Folha de S. Paulo. *Um país aberto: reflexões sobre a Folha de S. Paulo e o jornalismo contemporâneo*. São Paulo: Publifolha, 2003.
- Folha de S. Paulo, ano LI, nº 15.223, 19 de fevereiro de 1971.

- Folha de S. Paulo, ano 61, nº 18.950, 19 de fevereiro de 1981.
- Folha de S. Paulo, ano 61, nº 18.951, 20 de fevereiro de 1981.
- Folha de S. Paulo, ano 71, nº 22.602, 19 de fevereiro de 1991.
- Folha de S. Paulo, ano 91, nº 29.907, 19 de fevereiro de 2011.

### Referências Bibliográficas

- ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BARBOSA, Marialva. *Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória*. Niterói: EdUFF, 2007.
- BRAGANÇA, A.; MOREIRA, S. V. (orgs.) *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo: Intercom, 2005
- COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- \_\_\_\_\_. Comunicação Alternativa como Espaço de Novos Lugares de Memória: um estudo do caso Ditabranda. *Revista Alterjor*. USP. Ano 01, vol. 02. jul-dez 2010a.
- \_\_\_\_\_. O estabelecimento dos fatos: "rastros memoriais" da Folha de S. Paulo durante o regime militar no Brasil. In: Ariane Pereira; Íris Tomita; Layse Nascimento; Márcio Fernandes. (Org.). *Fatos do passado na mídia do presente: rastros históricos e restos memoráveis*. São Paulo: Intercom e-livros, 2011b.
- FRIAS FILHO, Otavio. O olhar do mundo. In: Folha de S. Paulo. *Primeira Página 1925-1985*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1985.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- KUCINSKI, Bernardo. *A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.
- MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de S. Paulo (1921-1981)*. São Paulo: Impress, 1981.
- PASCHOAL, Engel. *A trajetória de Octavio Frias de Oliveira*. 2ª ed. São Paulo: PubliFolha, 2007.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

- RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (org.). *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.
- SEVCENKO, Nicolau. O rosto do mundo. In: Folha de S. Paulo. *Primeira Página 1925-1985*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1985.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Mil dias: seis mil dias depois*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2005.
- SILVA, Sônia Maria de Meneses. *A operação midiográfica: a produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação – a Folha de São Paulo e o golpe de 1964*. Tese de doutorado em História. Niterói (RJ): UFF, 2011.
- TASCHNER, Gisela. *Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem: indagações sobre o século XX*. São Paulo: Arx, 2002.